

FILME RADIOACTIVE: QUESTÕES DE VIDA E MORTE NO CAMPO DAS CIÊNCIAS

139

RADIOACTIVE FILM: ISSUES OF LIFE AND DEATH IN THE FIELD OF SCIENCES

Alexandre Luiz Polizel¹

alexander.polizel@ifes.edu.br

Fabiana Gomes²

fabiana.gomes@ifg.edu.br

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo traçar considerações acerca da morte e seus atravessamentos com as ciências e as pedagogias culturais no filme *Radioactive*. Para análise foi empregada uma leitura hermenêutica do filme articulada em três referenciais teóricos: as bases dos estudos discursivos de Michel Foucault, as reflexões acerca das pedagogias culturais e as reflexões acerca da morte e do luto em Judith Butler. A partir de nossa hermenêutica triádica, mostramos que a questão da morte pode ser evidenciada a partir de quatro eixos analíticos-interpretativos: i) A morte enquanto mistério, algo a não ser dito, que não se conhece, a ser guardado e escondido em nome da vida; ii) A morte enquanto a perda de um Outro, representada no filme a partir da perda de Pierre Curie; iii) A morte enquanto elemento de potencialização da vida, em que vemos o contato de Marie Curie com elementos radioativos que ao mesmo tempo potencializavam sua vida, sua carreira e a dava representatividade e a matava; e iv) A morte enquanto continuidade na vida, na qual é possível evidenciar a continuidade dos Curie na memória dos Outros e na produção de pensamentos e contribuições na elaboração de saberes científicos.

Palavras-chaves: Educação; Estudos Culturais; Ciências; Morte; Pedagogias Culturais.

Abstract

This essay aims to outline considerations about death and its crossings with science and cultural pedagogies in the film *Radioactive*. For its analysis, a hermeneutic reading of the film was used, articulated in three theoretical frameworks: the foundations of Michel Foucault's discursive studies, reflections on cultural pedagogies and reflections on death and mourning in Judith Butler. From our triadic hermeneutics, we show that the question of death can be evidenced from four analytical-interpretative axes: i) Death as a mystery, something not to be said, which is not known, to be guarded and hidden in the name of life; ii) Death as the loss of an Other, represented in the film from the loss of Pierre Curie; iii) Death as an element to enhance life, in which we see Marie Curie's contact with radioactive elements that at the same time enhanced her life, her career and gave her representation and killed her; and iv) Death as a continuity in life, in which it is possible to evidence the continuity of the Curies in the memory of the Others and in the production of thoughts and contributions in the elaboration of scientific knowledge.

Keywords: Education; Cultural Studies; Sciences; Death; Cultural Pedagogies.

¹ Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela UEL-PR. Graduado em Biologia pela UEM-PR e Filosofia, Pedagogia e Sociologia pelo Centro Universitário de Araras-PR. Docente no Instituto Federal do Espírito Santo, campus São Mateus.

² Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela UEL-PR. Graduada em Química pela UFRGS e Licenciada em Química pela ULBRA-AM. Docente no Instituto Federal de Goiás, campus Uruaçu.

As reflexões acerca da vida e da morte atravessam o imaginário coletivo, elaboram-se e se dão nas malhas das discursividades e artefatos culturais que nos circundam. Debora Danowisk e Eduardo Viveiros de Castro (2017) pontuam que as filosofias, ciências e reflexões se fazem no entorno das questões dos modos de existir e dos fins que estes podem ter. Para os pensadores nunca imaginamos tantos fins e tantas possibilidades, como vemos nas literaturas, mitologias, filmes, desenhos, seriados televisivos, *papers* científicos...

Nos voltamos continuamente a imaginar, ou como nos diria Friedrich Nietzsche (1974), criar possibilidades de existir ou de não existir. Estas possibilidades voltam à criação de conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010), de imaginários e de realidades. As instaurações das possibilidades de existir atravessam as possibilidades de pensar o como viver e o como morrer.

Esta dinâmica de reflexão emerge na própria escrita-memória das possibilidades históricas de ser. Sob uma ressonância Nietzscheana (1974) vemos que o próprio ato de perceber a história e os sujeitos que elaboraram modos e possibilidades de ser encontra-se atravessado por pensar como viveram e como morreram, e isto nos dá uma noção da vida e da morte. Não à toa vemos aumento na escrita de biografias, documentários e *web séries* com enfoque em mostrar a pessoa, o lado humano, os segredos e como personalidades históricas viveram (SIBILIA, 2008).

As ciências, como campo e modo de produção de conhecimento-saber, não se furtaram de pensar as questões de vida e morte. Pensou continuamente aspectos de seus usos sociais (BOURDIEU, 2004), envolvendo questões éticas, políticas, estéticas (podemos citar, por exemplo, o melhoramento genético, novos fármacos, pílula anticoncepcional, eutanásia, agroecologias, entre outras), bem como valendo-se de pensar os investimentos para o prolongamento da vida e o distanciamento da morte.

Michel Foucault (1999) em seus estudos sobre as discursividades das ciências aponta que o advento da ciência moderna e seus olhares para as vidas e os modos de vida levaram a um outro modo de organização política-epistemológica, em que se preponderaram os investimentos do corpo político no fazer viver: cenário biopolítico. Bem como, nos aponta Achille Mbembe (2018), houveram investimentos para os usos da força Política³-Estatual para fazer morrer determinados segmentos da comunidade que vivem às margens, vidas precárias, corpos eleitos como matáveis.

Assim, as dinâmicas culturais e as ciências (enquanto campo de saber, mas também como prática cultural) sempre se encontraram articuladas a pensar as vidas e as mortes.

³ Situamos a Política com “P” maiúsculo enquanto aspecto conceitual, que remete a tentativa de padronização, centralização e uso da política enquanto única-normativa. Política esta que estabelece quais corpos e modos de vida são passíveis de serem vividos e quais são matáveis. Compreendemos que há outros modos políticos de se fazer, pensar e criar, as políticas menores, que remeteremos ao pontuar sob grafia minúscula.

Voltamos a navegar pelos artefatos culturais, buscando traçar tais relações e reflexões, permitindo-nos pensar as vidas, as mortes e as ciências. É deste cenário que o presente trabalho emerge, tendo por objetivo traçar considerações acerca da morte e seus atravessamentos com as ciências e as pedagogias culturais no filme *Radioactive*. A partir de nossa hermenêutica triádica e o lançar o olhar acerca do filme, mostramos que a questão da morte pode ser evidenciada a partir de quatro eixos analíticos-interpretativos: i) A morte enquanto mistério, algo a não ser dito, que não se conhece, a ser guardado e escondido em nome da vida; ii) A morte enquanto a perda de um Outro, representada no filme a partir da perda de Pierre Curie; iii) A morte enquanto elemento de potencialização da vida, em que vemos o contato de Marie Curie com elementos radioativos que ao mesmo tempo potencializavam sua vida, sua carreira e a davam representatividade e a matava; e iv) A morte enquanto continuidade na vida, na qual é possível evidenciar a continuidade dos Curie na memória dos Outros e na produção de pensamentos e contribuições na elaboração de saberes científicos.

Percursos metodológicos

Todo trabalho que emerge se faz em um território, uma demarcação, um modo de olhar constituído a partir de um conjunto de técnicas e tecnologias que nos permitem ver e elaborar saberes sobre algo. Donna Haraway (1995) nos pontuaria que os saberes que produzimos têm uma localização, são saberes localizados que emergem a partir de uma tecnologia do olhar. Assim, nós olhamos a partir de um campo de conhecimento, os Estudos Culturais das Ciências e das Educações, ao considerarmos que as produções se dão no interior das dinâmicas culturais, sendo que toda organização de saber se faz enquanto uma prática cultural. Assim, os modos de conhecer-pensar-viver (as ciências, mitologias, artes, filosofias e hábitos) são produções culturais, bem como seus artefatos. Vemos que todos os artefatos culturais deixam assim rastros de seus modos de produção e nos mobilizam a pedagogias culturais (ou seja, com eles ensinamos, aprendemos e compomos conhecimento) (ANDRADE; COSTA, 2017).

Com isso voltamos o olhar a um artefato cultural, ao filme *Radioactive*, produzido e lançado em plataformas de *streaming* em 2019. Optamos por esta obra compreendendo que esta produz três intersecções: i) trata-se de uma obra que tornou-se amplamente difundida, tendo suas discursividades alastradas até os dias atuais; ii) esta produção trata diretamente da temática da ciência, sem a pretensão direta de abordar sobre a morte, operando relações de poder sutis sobre a temática, mas passíveis de serem taxonomizadas e hermeneutizadas; e iii) o filme mobiliza discussões que tocam a história de Marie Curie, uma representação feminina na ciência constantemente evocada nas discussões sobre ciência e temáticas de interesse sociocultural.

O filme *Radioactive* estreou em 2019, ano em que Marie Curie fez 85 anos de morte. Categorizado como drama-romance-biografia, o filme é dirigido por Marjane Satrapi

e tem como protagonistas a atriz Rosamund Pike no papel de Marie Sklodowska e Sam Riley como Pierre Curie. São 103 minutos sobre a narrativa dos feitos do casal ao estudo de dois novos elementos químicos, o rádio e o polônio, incluindo à ciência um novo ramo, o da radioatividade.

A história inicia com Marie já adulta e instalada na França como uma das 23 cientistas mulheres da Universidade de Sorbonne. Contudo, pertencente a uma sociedade machista, sobretudo no ramo da ciência, Marie precisa dividir o espaço de laboratório com um homem, professor Lippmann, que, cansado das exigências que ela faz para desenvolver suas pesquisas, lhe pede para deixar o laboratório. Marie é retratada como uma mulher orgulhosa, egocêntrica (como definiu Pierre) e arrogante, mas também como cientista determinada e obstinada. Ao conhecer Pierre Curie, renomado pesquisador da cristalografia, recebe convite para dividir o laboratório com ele, sob a exigência de não compartilhar “suas descobertas” com mais ninguém. Pierre é mostrado como um homem compreensivo, justo e altruísta.

Os dois passam a desenvolver juntos a metodologia que separa os elementos radioativos do minério Pechblenda, trazendo à história o rádio e o polônio. O processo dura quatro anos de exaustivo trabalho entre triturações, filtrações, reações com ácidos e bases e cristalografias. Para os químicos atentos, de certa forma, as cenas que demonstram o processo metodológico trazem entre vidrarias e reagentes a atmosfera de um laboratório organizado e produtor.

Após o isolamento do elemento novo, parte-se para sua defesa diante da comunidade científica, que até então acreditava em um átomo indestrutível. Essa mudança de paradigma foi suficiente para sugerirem o nome de Pierre para a premiação do Nobel em química. Contudo, segundo a academia francesa, somente o nome de Pierre seria considerado, colocando Marie numa posição de “auxiliar”, não de protagonista. Como de se esperar, o casal não aceita tal decisão e exige a inclusão de Marie no grande feito. O ano de 1903 passa a ser aquele em que a primeira mulher cientista foi laureada com o Nobel.

Marie e Pierre tiveram duas filhas, Irène e Éve, que aparecem no filme em cenas do cotidiano de qualquer família, não limitando a vida de Marie apenas a sua contribuição à ciência, como frisam as publicações sobre ela. Quando Pierre morre tragicamente em um acidente provocado por uma charrete, Marie se mostra frágil emocionalmente. A vida pessoal passa a ser apresentada no filme em primeiro plano trazendo à tona o relacionamento com seu companheiro de pesquisa, Paul Langevin. Isso bastou para ela ser execrada pelas mídias e pela sociedade, colocando em risco suas conquistas e seu caráter.

Outro ponto que disputa a atenção com os fatos da vida de Marie é a aplicabilidade da ciência que ela produz. O telespectador é levado a todo momento a cenas que exemplificam o uso da radioatividade, tanto para o bem, como para o mal. Do tratamento de uma criança com tumor aos efeitos da explosão de mísseis atômicos capazes de dizimar toda uma população.

A guerra dá um propósito nobre aos elementos radioativos. Para evitar que os sobreviventes dela tenham seus membros amputados desnecessariamente, Marie e sua filha

Irène, se empenham na criação de ambulâncias equipadas com máquinas de RX e bulbos com gás radônio, para estancar o sangramento dos ferimentos.

O filme *Radioactive* é um artefato cultural. E como tal compreendemos como uma tecnologia intrinsecamente social, moldada por processos sociais, que fazem sentido para grupos específicos de pessoas (HINE, 2015).

Para auxiliar-nos nas analíticas deste artefato cultural, lançamos mão de uma hermenêutica guiada em três balizas: i) as bases dos estudos discursivos de Michel Foucault (1972), compreendendo com suas chaves conceituais os processos de análise da constituição e operação discursiva; ii) as reflexões acerca das pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2017), nos ajudando a compreender os funcionamentos dos modos de mobilizar e compor saberes com os artefatos culturais; e iii) e as reflexões acerca da morte e do luto em Judith Butler (2016; 2006).

Analíticas e hermenêuticas

Nossa hermenêutica organiza os sentidos produzidos pelo artefato cultural *Radioactive* em quatro linhas de sentido: i) A morte enquanto mistério, algo a não ser dito, que não se conhece, a ser guardado e escondido em nome da vida; ii) A morte enquanto a perda de um Outro, representada no filme a partir da perda de Pierre Curie; iii) A morte enquanto elemento de potencialização da vida, em que vemos o contato de Marie Curie com elementos radioativos que ao mesmo tempo potencializavam sua vida, sua carreira e a dava representatividade e a matava; e iv) A morte enquanto continuidade na vida, na qual é possível evidenciar a continuidade dos Curie na memória dos Outros e na produção de pensamentos e contribuições na elaboração de saberes científicos.

A primeira movimentação dá-se ao perceber que na produção cinematográfica **i) a morte** (é percebida) **enquanto mistério**, algo a não ser dito, que não se conhece, a ser guardado e escondido em nome da vida. Tal aspecto é percebido em uma das cenas em que Marie revisita seu passado, enquanto está debruçada sobre o leito da mãe doente (Fig. 1). Criança, ela sabe que algo está errado e que sua mãe está prestes a morrer, mas nada disso é comentado de forma real, mas fantasiosa. A mãe pede que Marie a beije, pois somente assim ela será curada. Há uma sutileza na cena para que pensemos que a mãe está morrendo de câncer e que está nas mãos de Marie Curie a cura desta doença. A mãe morrendo em um leito de hospital leva Marie a ter repulsa pelo espaço, somente superado quando sua ciência se mostra útil e necessária às vítimas da guerra.

Figura 1. Cenas de Marie Curie sob o leito da mãe no hospital (à esquerda) e com Pierre indo assistir a apresentação da artista Loie Fuller (à direita).



Fonte: Filme Radioactive (2019).

Vemos neste sentido que o trato com a criança, o evitar nomear o que está acontecendo de fato e esgotando o corpo de vida, é aquilo que poderíamos chamar de morte. Evita-se falar desta, pensa-se na cura, em outro fazer que diminuiria a dor, em tratar a morte como algo do campo do não dizível, falável e reflexível. Tal representação é dada em ao menos dois aspectos: i) a tentativa de não tratar a dor para não encarar a posição de desamparo (FREUD, 2012), bem como a manutenção da distância da percepção da finitude da vida, da existência e de seus aspectos multidimensionais; e ii) pela percepção de que a problemática da morte é de difícil conceituação, caso não queira apelar para questões metafísicas ou espiritualistas.

Tal aspecto nos leva a outros momentos do filme, como por exemplo quando Pierre, grande admirador da artista Loie Fuller, uma mulher que envolve pela dança e pelas apresentações enigmáticas, se envolve com questões do espiritismo, chega até mesmo a afirmar que “também é uma ciência” (25min.). O espiritismo passa de um período da curiosidade, em 1857, para um período de luta, entrando num estágio científico-filosófico que interessava intelectuais da Europa e dos EUA no século XIX (ARRIBAS, 2014). Mas qual seria o conceito de ciência que valida o espiritismo como tal? A própria Marie Curie, cética, em uma das falas diz não acreditar nas manifestações da artista Fuller, por não conseguir “enxergar” o que observa, portanto, não há ciência nisso (Fig. 1).

O movimento de pensamento em vigor, em grande parte da Europa, nesta ocasião, era o positivismo, pensado para aquela ciência que se repousa sobre fatos observáveis. Contudo, para a pesquisadora Dora Incontri, Allan Kardec, maior responsável pelo desenvolvimento do espiritismo como ciência, defende que o espírita propôs um novo paradigma, criou metodologia própria para interpretar os fenômenos, trazendo à discussão uma nova forma de ciência (INCONTRI, 2001).

Tal tentativa e tratativa mostra-se que este é um dos investimentos para encarar a questão da morte: a elaboração de uma base teoricamente sustentativa de um discurso que permita ao mesmo tempo escapar do desamparo e da finitude, ao passo que o espiritismo kardecista traz a noção de continuidade, e de ter um saber positivo para explicar a morte, à medida que arrasta-se o estatuto do espiritismo para a suposição de uma validação científica.

Apesar das inserções de Kardec e muitos outros adeptos da doutrina, o espiritismo não fora reconhecido como ciência. No filme há uma representação clara que se trata de algo até mesmo repudiado pela comunidade científica quando mostram apresentações dos fenômenos mediúnicos em casas noturnas, nos remetendo à ideia de reuniões secretas. Pierre, no entanto, cientista renomado, acredita e ainda sugere que os elementos radioativos possam ser aplicados no espiritismo para promovê-lo ao reconhecimento. Assim, há a manutenção da questão da morte no espectro do mistério.

Em outra cena, vemos que Marie Curie, com a perda de Pierre, chega a suplicar a uma médium que faça seu marido aparecer. O ceticismo troca de lugar com a fé, com o desespero, e é neste cenário que há uma articulação da questão da morte com uma segunda linha classificatória para compreendê-la: **ii) A morte enquanto a perda de um Outro, representada no filme a partir da perda de Pierre Curie.**

Marie considera Pierre uma mente tão inteligente e brilhante quanto ela. Ambos se completam como cientistas, o que a deixa arrasada e “perdida” quando da ocasião de sua morte. Uma morte premeditada por episódios de tosse intensas e feridas na pele. Marie também está doente, mas só percebe a partir da ausência de Pierre. Tal aspecto localiza a morte em ao menos dois planos: a) a morte enquanto uma questão da perda - de algo que estava presente e não está mais, da cisão produzida que dá início ao processo de viver sem um Outro (FREUD, 2012) e a percepção de que esta perda representa; b) uma ausência – e veja, compreendemos que esta ausência tem um vínculo com a primeira concepção de morte, visto que a ausência simboliza-se na definição positiva pela perda, mas em definição negativa enquanto algo que não está (logo apresenta uma vinculação com o mistério).

Sob ressonâncias de Judith Butler, Carla Rodrigues (2020) nos ajudaria a pensar a morte compreendendo os ritos que levam a perda do Outro. Ritos estes que colocam a materialidade e a concretude a questão da morte e de que o Outro foi perdido. O que vemos em *Radioactive*, no pedido de Marie de ver seu marido, é a tentativa de um (contra)rito que produza o efeito contrário: o de desfazer a concretude da morte de Pierre. A percepção da morte enquanto perda coloca também em questão, assim, a percepção do que pode ou não ser recuperado (FREUD, 2012).

Todavia, aqui diferencia-se a perda do mistério quando o conclave de Marie é para que o médium faça Pierre “aparecer”, visto que ela queria vê-lo. A ideia de perceber e evidenciar algo é característico de uma herança filosófica-científica ocidental, de modo que aquilo que não encontra-se no plano do visível não pode ser percebido enquanto existente. Se o diálogo de Marie e o médium representam um encontro entre controvérsias de fé e razão, este encontro é em contraponto mais definidor de fronteiras do que do borrar destas. O que Marie demanda é uma evidência, algo que dê concretude a perda ou a não perda, elementos que retirem a morte do plano do mistério e situem-no no plano da materialidade.

A perda é processada ao longo do filme por Marie Curie, em uma dinâmica híbrida entre o processo de luto, o processo em que se percebe e depara-se com a perda do objeto

amado e que há processamento do mesmo para reinvestimento simbólico, se reorganizar em relação ao perdido; e, também opera processos associáveis a melancolia, em que o processo de perda do objeto é também um processo constante de perda do Eu em que há a dificuldade de trabalhar-se esta perda (FREUD, 2012; BUTLER, 2016; 2006).

Vemos no decorrer desta produção cultural que em cena seguinte, a comunidade científica da Sorbonne considera transferir a cadeira de professor que Pierre ocupava para Marie, que só a aceita se reconhecerem nela a capacidade e a genialidade que provou ter para o cargo, não por pena. Tal discussão representa a introdução de outra percepção da morte no filme: **iii) a morte enquanto elemento de potencialização da vida**, em que vemos o contato de Marie Curie com elementos radioativos que ao mesmo tempo potencializavam sua vida, sua carreira e a dava representatividade e a matava.

Vemos neste sentido que a morte se faz presente na vida de Curie com sua mãe, com Pierre, com a própria percepção de que os elementos que esta estudava afetavam seu corpo e possivelmente a matavam. Todavia, foi neste exato encontro das mortes que Marie Curie alçou aspectos que potencializavam sua vida: a ocupação de uma cadeira na academia, o reconhecimento desta enquanto cientista de ampla importância na produção e histórias das ciências, na ampliação de equipe e captação de recursos no decorrer de sua vida (PUGLIESE, 2009).

Vê-se ao decorrer do filme cenas que mostram Marie acessando diferentes espaços, fazendo viagens internacionais, ministrando conferências... o ganho da vida pública pela mulher cientista que se deu após a morte de Pierre (PUGLIESE, 2009). Este processo de acessar lugares e potencializar as possibilidades de Marie sempre são marcados com um foco da câmera do elemento radioativo que esta sempre contempla. O olhar da cientista para o elemento radioativo, sentada fixamente em sua contemplação, esboça também a sua mudança de fisionomia e o processo de adoecimento.

Aspecto da percepção do que potencializa a vida de Curie, é percebida por ela mesma a situar: aquilo que torna um elemento radioativo tão prejudicial é a “espontânea emissão de radiação ou partículas da deterioração dos núcleos que, devido a uma organização particular da estrutura interna, são muito mais instáveis” (1h02). Essa energia emitida pode afetar as células provocando o desenvolvimento de anemia severa, leucemia e outras doenças degenerativas. Vemos neste sentido uma dualidade, de modo que a vida pessoal de Marie e sua carreira são potencializadas, ao mesmo movimento que seu corpo e suas células se encontram cada vez mais com uma energia que a mata aos poucos.

Percebemos em Sigmund Freud (2012) que as dinâmicas da vida e dos desejos se encontram atrelados a dois fatores de potencialização da vida: as pulsões de vida e de morte. Assim, é da própria ambiguidade constitutiva do desejo que a potência de vida de Marie se expressa na relação com o processo de morte do corpo, mas ainda em potência afirmativa de seu modo de existir. A potencialização da vida, assim, não nega a morte, mas a trata como elemento constitutivo do próprio ato de pensar (BUTLER, 2006) – o que se difere do

conceito de vidas matáveis, que nos colocaria a refletir a questão da morte em um plano ético e político (RODRIGUES, 2020; BUTLER, 2016).

É perceptível na produção cinematográfica e nas reflexões históricas sobre esta que antes de se conhecer os efeitos da radioatividade sobre a saúde, diversos artefatos foram produzidos em seu nome: chocolate, palitos de fósforo, cremes. O brilho intenso da radiação é exaltado durante o filme como uma espécie de hipnose. Marie, tão apaixonada por sua conquista, chega a dormir ao lado de um frasco com material radioativo, numa relação de dependência. Temos neste sentido múltiplas possibilidades de pensar tal relação. De um lado tal relação expressa como nos processos hipnóticos um potencial sugestionamento, em que o sujeito se percebe no olhar para o objeto como este encontra-se intrinsecamente ligado ao tornar aquilo que este veio-a-ser (FREUD, 2012; BUTLER, 2016). Vemos que no processo de purificação, identificação, descrição e usos sociais dos elementos radioativos Marie Curie investiu sua vida, seu tempo, seu desejo, e nesta relação constituiu-se, e aquele elemento representa este processo de subjetivação (BUTLER, 2016; 2006), colocando em cena o que foi potencializado em sua vida.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que o olhar para aquele elemento representa uma busca e uma percepção do que este pode (DELEUZE; GUATTARI, 2010). O olhar para o elemento, assim, pode representar tudo que lhe foi dito, e também tudo aquilo que ainda poderá ser elaborado sobre aquele elemento. É um *ethos* cientista que se manifesta em Marie e é o elemento que lhe desperta este *pathos* – e que apresenta uma relação com o mistério que ainda pode ser desvendado.

A percepção do olhar de Marie para o elemento, inicia-se no filme e intensifica-se no processo do fazer-se mulher cientista, e também no processo de perder Pierre. O olhar para o elemento dá indícios de uma busca da figura do objeto perdido neste, a contemplação do elemento pode então representar (também) a busca por uma vinculação ao seu amado falecido.

Vemos ainda que, talvez, aquele pequeno frasco a faça lembrar da importância que passou a ter nas discussões científicas e no lugar que, como mulher, passou a ocupar na história da ciência. Assim, o olhar para aquele objeto-elemento constitui um símbolo desta trajetória, construção e representação (FOUCAULT, 1972).

Ao final do filme vemos que há o momento, o instante, o acontecimento que remete a morte de Marie Curie. Tal cena inaugura uma sequência de outras que mostram imagens da pensadora, textos, sobre a continuidade da instituição, acerca de como Marie torna-se uma mulher notória na história das ciências. As informações mesclam-se entre informações de fontes e a narrativa que a localiza nos dias atuais. Vemos que há aqui um quarto entendimento de morte: iv) **A morte enquanto continuidade na vida**, na qual é possível evidenciar a continuidade dos Curie na memória dos Outros e na produção de pensamentos e contribuições na elaboração de saberes científicos.

Vemos que tal percepção de vida arrasta-nos a pensar com os pensamentos latinos, afro diaspóricos e orientais, em que a morte é conceituada enquanto um quase-acontecimento

da vida. Tal percepção remete a uma compreensão dialética de que a morte não é o contrário da vida, mas acontecimento constitutivo desta, haja visto que aquele que morre em seu acontecimento vivo continua a viver no Outro e no Nós – nas memórias, nas lembranças ancestrais, nas representações de legado, na multiplicação de narrativas sobre a vida.

Vemos a exemplo que são múltiplos os textos que refletem Marie Curie como uma das mulheres representativas na luta por representatividade na história das ciências (PUGLIESE, 2009), bem como enquanto representação utilizada como núcleo gerador de discussões no campo do ensino de ciências e suas intersecções com as teorias feministas (HARAWAY, 1995).

Tal percepção de morte, contudo, corrobora Judith Butler (2016; 2006), remete a um conjunto de ritos e relações de poder que localizam na vida o momento da morte, e modos de lidar com esta para forjar existências. Não por menos, Eduardo Viveiros de Castro⁴ trata a morte enquanto uma quase-morte, um quase-acontecimento, pois a continuidade da vida após desta no Outro-Nós, remete a esta enquanto evento-vida e evento-morte.

Há neste sentido uma discussão que toca o plano da política e da estética-ética, pois as vidas que são lembradas e tem continuidade encontram-se investidas de um conjunto de forças que fazem estas continuar, manter-se, multiplicar – e outras são esquecidas, matáveis, sobras (RODRIGUES, 2020).

Considerações

Buscamos com este manuscrito traçar considerações acerca da morte e seus atravessamentos com as ciências e as pedagogias culturais no filme *Radioactive*. Se o fazemos a partir de um artefato cultural é por compreendermos que estes difundem e instauram discursividades, imaginários e modos de subjetivação que dizem sobre o tempo presente e fundam possibilidades neste. Se o fazemos a partir desta obra é por compreender a ampla divulgação do filme e o atravessamento da possibilidade de pensar a morte a partir dos rastros dos discursos científicos e da história de vida (mesmo que em seus atravessamentos ficcionais) das mulheres nas ciências: em nosso caso, a personagem conceitual Marie Curie.

A partir de nosso olhar ao artefato cultural *Radioactive* e lançando mão de nosso processo hermenêutico, evidenciamos que essa produção nos dá subsídios e rastros para compreender a morte a partir de quatro linhas de reflexão (não necessariamente excludentes, mas diferentes em suas operações-conceituações): i) A morte enquanto mistério, algo a não ser dito, que não se conhece, a ser guardado e escondido em nome da vida; ii) A morte enquanto a perda de um Outro, representada no filme a partir da perda de Pierre Curie; iii)

⁴ Em referência às conferências proferidas pelo Professor de Antropologia do Museu Nacional e dispostas no acervo do Instituto CPFL, Café Filosófico, disponíveis em: <www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4> e <www.youtube.com/watch?v=LW0ojNmrF68>. Acesso em 31 de janeiro de 2023.

A morte enquanto elemento de potencialização da vida, em que vemos o contato de Marie Curie com elementos radioativos que ao mesmo tempo potencializavam sua vida, sua carreira e a sua representatividade e a morte; e iv) A morte enquanto continuidade na vida, na qual é possível evidenciar a continuidade dos Curie na memória dos Outros e na produção de pensamentos e contribuições na elaboração de saberes científicos.

Referências

ANDRADE; Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, n.33, p.1-23, 2017.

ARRIBAS, Célia da Graça. **No princípio era o verbo** - Espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia de São Paulo, USP, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22012015-184049/publico/2014_CeliaDaGracaArribas_VOrig.pdf. Acesso dia 31 de jan de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das ciências**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós, 2006.

DANOWISKI, Debora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, vol. 5, p. 7- 41, 1995.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet** – Embedded, embodied and everyday. Ed. Bloomsbury, 2015.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita** – Um Projeto Brasileiro e suas Raízes HistóricoFilosóficas. Tese de doutorado, FEUSP, 2001.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopolítica, soberania, estado de exceção e política de morte. São Paulo: Editora, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PUGLIESE, Gabriel. **Sobre o “Caso Marie Curie”**: A Radioatividade e a Subversão do Gênero. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Carla. Por uma filosofia política do luto. **O que nos faz pensar**, vol. 29, n. 46, p. 58-73, 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

